

David Bauer, Estudo Bíblico Indutivo, Palestra 20, Tiago 2:1-7

© 2024 David Bauer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 20, Tiago 2:1-7.

Queremos começar com uma análise do capítulo 2, que realmente forma uma unidade aqui com bastante clareza. O que temos na verdade, penso eu, são duas unidades principais dentro do capítulo 2. Temos no capítulo 2, versículos 1 a 13, a ordem de não mostrar parcialidade ao manter a fé no Senhor Jesus Cristo da glória com substanciações.

Ele fundamenta essa exortação, que, é claro, é encontrada no versículo 1. Primeiro de tudo, nos versículos 2 a 7, afirmando que a parcialidade é contrária à eleição dos pobres por Deus. E também, nos versículos 8 a 13, essa parcialidade é contrária à lei de Deus. Agora, ele realmente fundamenta tudo isso.

Isto é, a exortação, juntamente com as razões da exortação, não mostra parcialidade enquanto você mantém a fé no Senhor Jesus Cristo. Isto é, não ser parcial em relação aos ricos e aos pobres. Ele fundamenta isso nos versículos 14 a 26 com o princípio geral de que a fé sem as obras está morta.

Na verdade, outra maneira de dizer isso é que mostrar parcialidade ao manter a fé no Senhor Jesus Cristo, o Senhor da glória, é manter a fé em Jesus Cristo sem obras. E você não deveria fazer isso, diz ele, porque, nos versículos 14 a 26, a fé sem as obras é morta. Isto é fé independente das obras.

Isso é o que você não deveria fazer. Você não deveria exercer esse tipo de fé à parte dessas obras por causa do princípio geral de que a fé sem as obras está morta. Agora, o princípio é apresentado aqui nos versículos 14 a 17, e então ele prossegue e apresenta argumentos de apoio nos versículos 18 a 26.

Agora, é claro, além da fundamentação aqui, da fundamentação abrangente que temos, não faça isso por causa disso, você tem um contraste recorrente. Você realmente tem todas as coisas do lado esquerdo pertencentes e posicionadas juntas em contraste com o lado direito. E falando de modo geral, o contraste que temos ao longo do capítulo 2 é um contraste entre a contradição da fé e a correspondência da fé.

Uma contradição da fé envolve a fé contra as obras, mantendo a fé com parcialidade. Bem, a contradição da fé, como eu disse, envolve realmente a fé contra as obras,

enquanto a correspondência da fé é a fé ativa nas obras. E isso é desenvolvido, é claro, aqui, que através dessa contradição da fé, a fé contra as obras envolve manter a fé com parcialidade, manter parte da lei ou tentar manter parte da lei, a fala ser aquecida e preenchida sem dar, e a fé sem obras, que é morta, estéril, sem lucro e incapaz de justificar ou salvar, em oposição à correspondência da fé, fé ativa nas obras, que envolve manter a fé sem parcialidade, guardar toda a lei, dar aos pobres o que eles precisam, contra a palavra, ser aquecido e cheio sem dar, envolve não simplesmente falar, mas agir, dar aos pobres o que eles precisam, e contra a fé com obras, viver frutífero, proveitoso, fé viva, fé frutífera, fé lucrativa, uma fé que é capaz de justificar e salvar.

Então, em poucas palavras, acho que é isso que temos aqui no segundo capítulo de Tiago. Aliás, a passagem que realmente une esta preocupação em não mostrar parcialidade para com os ricos e negligenciar os pobres, e este clássico teológico, e este argumento teológico muito familiar no que diz respeito à fé sem obras está morto, é este parágrafo, versículos 14 a 17. Pois o que é um profeta, meus irmãos, se alguém diz que tem fé, mas não tem obras? Sua fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiver mal vestido e carente do alimento diário, e um de vocês lhe disser: vá em paz, aqueça-se e sacie-se, sem dar-lhe o necessário para o corpo, que aproveita isso? Assim, a fé por si só, se não tiver obras, está morta.

Você percebe que esse argumento sobre a fé sem as obras estar morta está na verdade ligado aqui, é introduzido em conexão com a questão do relacionamento com os pobres, do relacionamento com os pobres, sobre o qual ele tem falado, é claro, em 2:1 até 2:1. 13. Agora, ele começa com a ordem aqui, e vocês têm apenas uma ordem, uma exortação, realmente, bem, na maior parte, em todo o capítulo dois, meus irmãos, não mostrem parcialidade ao manterem a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor da glória. Agora, a palavra parcialidade aqui é prosopolemptia, que envolve respeito pelas pessoas, parcialidade, a culpa de alguém quando é pego para retribuir ou julgar tem respeito pelas circunstâncias externas dos homens e não por seus méritos intrínsecos, e assim prefere como o mais rico, rico, de origem nobre ou poderoso, do que outro que é desprovido de tais dons.

Essa é a definição de Thayer. Agora, a palavra prosopolemptia é usada mais quatro vezes no Novo Testamento. Em Romanos 2:11, Efésios 6:9, Colossenses 3:25 e 1 Pedro 1:17, você também tem o adjetivo prosopolemptes em Atos 10:34, onde sempre fala de Deus não mostrando parcialidade.

Em todos os outros lugares onde esta palavra parcialidade, prosopolemptia, é usada, ela é usada para Deus, Deus é um sujeito negativo. Deus não mostra parcialidade. Esta é uma afirmação central da tradição cristã primitiva, da instrução paranesia cristã primitiva, de que Deus não mostra parcialidade.

Agora, o ponto principal aqui, que acabamos de mencionar, é que Deus não mostra parcialidade. Fazer isso é se opor à obra de Deus. Na verdade, ele vai fundamentar essa noção de que Deus não mostra parcialidade e, portanto, quando mostramos parcialidade, estamos nos opondo à obra de Deus nos versículos 2 a 13.

Agora, há uma declaração aqui no versículo 5. Ouçam, meus amados irmãos, Deus não escolheu aqueles que são pobres no mundo para serem ricos na fé e herdeiros da promessa que Ele fez, e herdeiros do reino que Ele prometeu? para aqueles que O amam? Se você apenas tirasse essa passagem do contexto, você diria, bem, Deus não mostra realmente parcialidade para com os pobres? Deus, de fato, não mostra parcialidade? Pode não ser parcialidade em relação aos ricos, mas em relação aos pobres. Parece-me, porém, que o que você tem no contexto indica que 2:5 não pode ser entendido como Deus mostrando parcialidade até mesmo para com os pobres aqui, que Ele renuncia à parcialidade aqui. Falaremos sobre como o versículo 5 realmente funciona em tudo isso daqui a pouco.

O segundo ponto principal é que a parcialidade, ou melhor, não demonstrar parcialidade, envolve a questão de julgar com base no verdadeiro caráter e nas virtudes, em detrimento de tipos externos de elementos. Isto sugere realmente que os pobres não são escolhidos por Deus e os ricos são rejeitados por Deus simplesmente por causa das suas circunstâncias externas. Novamente, 2:5, onde Ele diz, Deus escolheu aqueles que são pobres no mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que Ele prometeu àqueles que O amam.

Mais uma vez, isto sugere que os pobres não são escolhidos por Deus, e os ricos são rejeitados por Deus neste sentido simplesmente por causa das suas circunstâncias externas. Se Deus agisse dessa maneira, Ele estaria demonstrando parcialidade. Deus escolheu os pobres pelo seu mérito intrínseco, isto é, pela sua tendência geral a serem mais inclinados à fé e, portanto, ao amor, tornando-se assim herdeiros do reino.

Ele escolheu os pobres por causa disso, não simplesmente por serem pobres, mas sim com base no seu caráter. De certo modo, então, 2:5 sugere que Deus não escolheu realmente os pobres em vez dos ricos. Ele escolheu a pobreza em vez da riqueza.

Portanto, Deus não mostra parcialidade para com os pobres, mas mostra parcialidade para com a pobreza. Há aqui uma espécie de redenção espiritual da pobreza. A sua condição torna-os mais inclinados à fé e ao amor.

Agora, o terceiro ponto é que o facto de os leitores serem aqui exortados a não mostrarem parcialidade implica que não só não devem mostrar parcialidade para com os ricos, mas também não devem mostrar parcialidade para com os pobres. Não

mostre parcialidade ao manter a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor da glória. Isto é, eles não preferem injustamente os pobres.

Embora a lógica do que James diz sugira que fazê-lo seria um pouco menos questionável do que o que eles estavam fazendo, ou seja, mostrar parcialidade para com os ricos. É claro que mostrar parcialidade em relação aos pobres em detrimento dos ricos é extremamente incomum e inesperado. Aliás, a lei fala mesmo em mencionar esse negócio de não demonstrar parcialidade, principalmente na Justiça.

E assim, em Levítico 19:15, uma passagem com a qual penso que Tiago certamente devia estar familiarizado, lemos isto: não cometeis injustiça no julgamento. Você não será parcial para com os pobres nem cederá aos grandes, mas com justiça julgará seu próximo.

O quarto ponto principal aqui é que esta referência à parcialidade retoma um tema importante em James, nomeadamente que a aparência exterior não está necessariamente de acordo com a realidade última.

Observe o aparecimento de provações que aparentemente parecem ser destrutivas em comparação com a verdadeira realidade das provações, que têm potencial para a vida, versículos capítulo 1, versículos 2 a 4. E o fato de que os ricos são comparados a uma flor que tem beleza, mas a flor e a beleza dela passarão, capítulo 1, versículos 9 a 11. Portanto, a preocupação aqui é discernir a verdadeira realidade por trás das aparências. Agora, a ocasião ou o contexto desta ordem, diz ele, não mostre parcialidade ao manter a fé no Senhor Jesus Cristo.

Agora, você tem aqui o genitivo empregado, e eu poderia dizer que para aqueles de vocês que não sabem grego, quando você tem um substantivo seguido por, como você tem aqui, a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, geralmente isso expressa o que em grego é a construção genitiva, e há vários tipos de genitivos possíveis em grego. Há uma questão aqui sobre que tipo de genitivo temos e o que ele quer dizer com fé no Senhor Jesus Cristo. Poderia ser, na verdade, um genitivo objetivo.

À medida que você mantém a fé, à medida que você mantém a fé no Senhor Jesus Cristo, à medida que você deposita fé em Jesus Cristo para a salvação, você confia Nele para a salvação, ou seja, a nossa fé direcionada a Ele, esse seria o genitivo objetivo. Pode, no entanto, ser o genitivo subjetivo, isto é, se você tiver o mesmo tipo de fé ou fidelidade a Deus que Jesus tinha. Jesus então não seria o objeto da fé, mas o modelo da nossa fé ou da nossa fidelidade a Deus.

Provavelmente, penso aqui, é o genitivo objetivo, e digo isso por causa da forma como Jesus é descrito. Portanto, sem parcialidade, ao manter a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor da glória, o Senhor, o Glorioso, a ênfase está em Jesus como o digno objeto de fé, realmente esta noção de fé em Jesus Cristo para a salvação.

Notamos aqui também, como acabamos de dizer, que Jesus é descrito como Senhor da glória.

Essa é pelo menos uma tradução possível. Esta é uma passagem difícil de traduzir. A NRSV traduz isso como você tem fé em nosso glorioso Senhor e coisas semelhantes, mas Ele é descrito como um Senhor de glória.

Existem três possibilidades em relação ao que isso significa. Pode apontar para a glória de Jesus na pobreza, para a Sua glória na pobreza. Foi precisamente assumindo o papel de pobre que Deus O fez Senhor e O glorificou.

Foi precisamente quando Ele abraçou a impotência dos pobres, quando se submeteu à morte na cruz, deixando de lado todos os seus próprios recursos, que Ele foi feito Senhor e que Deus O glorificou. Por outro lado, isto pode apontar para o julgamento escatológico de Cristo, de que Ele retornará em glória. No capítulo 5, Jesus é descrito como aquele que retornará para julgar como Senhor glorioso e, em julgamento, defenderá a causa dos pobres e dos explorados, capítulo 5, versículos 7 a 11.

Ou uma terceira possibilidade é que se refere a ambos, que realmente não deveríamos ter que escolher, que se refere a Ele assumindo o papel de ser glorificado precisamente como resultado de assumir o papel do pobre e do impotente, e como voltar tão glorioso Senhor como alguém que defenderá a causa dos pobres e dos explorados. De qualquer forma, é claro que você entende que a questão é a tensão, a contradição entre manter a fé em Jesus, que é ao mesmo tempo Senhor da glória em ambos os sentidos. Manter a fé em Jesus Cristo, o Senhor da glória, com parcialidade envolve então uma contradição básica.

Contradiz, por um lado, a natureza da fé, na medida em que não resulta em obras de justiça, 2 Coríntios 14 a 26, incluindo a obediência aos mandamentos relativos à parcialidade e a não demonstração de parcialidade na lei, como Levítico 19:5, uma passagem que já citamos, mas também poderíamos citar Deuteronômio 1:16 e 17 e Deuteronômio 16:19. Também contradiz não apenas a natureza da fé, na medida em que não resulta em obras de justiça, é uma fé que não funciona, mas também contradiz o objeto da fé, na medida em que não leva em conta o senhorio de Cristo em Sua glória, especificamente o governo de Cristo, aquele que entrou em Seu governo através da impotência, que como Senhor defenderá os pobres contra seus ricos opressores. Não leva em conta o exemplo de Cristo, observe Seu ministério aos pobres e Suas bênçãos para os pobres em Seu ministério, a coroação, na verdade a demonstração ou expressão culminante de Seu messianismo, de acordo com a tradição do evangelho, é que os pobres ter as boas novas pregadas a eles, é claro, de acordo com Isaías ali, Isaías 61. E assim, como eu digo, isso também está em contradição com Seu exemplo.

Mas também contradiz, em terceiro lugar, a sua experiência de fé. Embora mantivessem sua fé em Jesus Cristo, eles consideravam essa fé insignificante em relação ao que faziam. A discriminação deles não tinha nada a ver com fé.

Na verdade, a sua discriminação, como Ele a descreve, envolvia bajular os pobres na fé, bajular os pobres na fé e repudiar aqueles que são ricos na fé. Nunca lhes ocorreu aplicar a sua fé a esta questão dos pobres e dos ricos. George Alan Turner, que ensinou estudo bíblico indutivo aqui durante anos no Seminário Asbury, e eu ocupei seu lugar no corpo docente anos atrás, costumava falar sobre pontos cegos, pontos cegos de santidade.

Isto é, a tendência de simplesmente sermos cegos para certos aspectos importantes da vida que nos chamam a ser fiéis ao nosso Senhor. Este foi um grande ponto cego por parte das pessoas a quem ele estava se dirigindo, ou pelo menos por parte dessas pessoas que ele descreve no capítulo 2. Agora, ele prossegue nos versículos 2 a 13 para dar razões para isso. exortação para não mostrar parcialidade ao manter a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor da glória. E aqui, claro, queremos avançar e entrar na análise detalhada, que é baseada na pesquisa.

Ele começa, é claro, nos versículos 2 a 7 argumentando que a parcialidade é contrária à eleição de Deus. Deus não escolheu os ricos, mas escolheu os pobres. Agora, ele segue em frente e desenvolve isso por meio de um cenário, o cenário que ele apresenta nos versículos 2 a 4. Pois se um homem com anéis de ouro e roupas finas entrar na sua assembléia, e um homem pobre com roupas surradas também entrar entrem, e prestem atenção naquele que veste roupas finas e digam, sente-se aqui, por favor, enquanto você diz ao homem pobre, fique aí ou sente-se aos meus pés, vocês não fizeram distinções entre si e se tornaram juízes com maus pensamentos? Agora, penso que este cenário é apresentado como um exemplo, não como um acontecimento real.

Notamos, por um lado, que ele introduz isso com uma declaração condicional de terceira classe, ean gar, se um homem com anéis de ouro e roupas finas entrar. Não quero me aprofundar muito no grego aqui, mas deixe-me mencione que quando você tem uma declaração condicional como esta, que, é claro, mencionamos, sempre que a tiver, você sabe que tem uma declaração condicional. Quando você tem uma declaração condicional, a declaração condicional pode ser uma condicional de primeira classe, que é A, com o indicativo, que realmente assume a veracidade ou a realidade da prótase da cláusula if.

Se esta fosse uma condicional de primeira classe, isso sugeriria que isso é algo que realmente aconteceu. Se isso acontecer, se isso acontecer como realmente aconteceu, mas ele usa uma condicional de terceira classe, que introduz, na verdade, a noção de tentativa e de potencial, não de atualidade, mas de potencialidade.

Então, ele está apresentando isso não como um evento real, mas como um acontecimento real.

A gramática indica isso. Além disso, o fato de a passagem ser altamente estilizada e hiperbólica. Apresenta, realmente, um caso extremo descrito de forma extrema, e também a observação de que esta é uma epístola geral, de modo que ele realmente não está abordando, como Paulo faz nas epístolas que são dirigidas a igrejas específicas, situações, eventos que ocorreram em uma igreja específica, que esta é uma epístola geral, sugere que ele não está realmente querendo abordar acontecimentos específicos em igrejas específicas.

Tudo isto leva à conclusão de que isto é apresentado como um exemplo e não como um acontecimento real. E, claro, ele não está tão preocupado com o evento quanto com o princípio que está estabelecendo aqui. Mas porque ele apresenta isto como um exemplo, e não como um acontecimento real, ele pode, portanto, desenvolver o significado teológico e pastoral de formas que não seriam possíveis se estivesse a falar e a condenar um acontecimento real.

Agora, o que você tem aqui neste cenário é uma ênfase na aparência. Observe a ênfase na aparência externa. Se um homem com anéis de ouro e roupas finas entrar na sua reunião, e um homem pobre com roupas surradas também entrar, ele realmente não descreve as pessoas. Ele descreve sua aparência.

Em ambos os casos, em termos do que vestem. Ele poderia simplesmente ter dito uma pessoa rica ou uma pessoa de posses e um homem pobre, mas ele os descreve em termos de sua aparência. Agora, antes de irmos muito longe nisso, deixe-me dizer que outra questão com relação a este cenário é se Tiago deseja apresentá-lo como um procedimento de disciplina na igreja ou como um culto de adoração.

Claro, já observamos que os mandamentos relativos a não mostrar parcialidade que você tem na lei do Antigo Testamento normalmente têm a ver com julgamento, com questões de julgamento e procedimentos judiciais e assim por diante. Isso pode sugerir que você tenha um tipo de audiência judicial aqui contra, isto é, a comunidade de fé, a igreja está reunida para fins disciplinares para uma audiência judicial contra o culto e coisas do gênero. Mas na verdade acho que provavelmente se refere a um culto de adoração porque, por um lado, ele não faz referência a questões jurídicas aqui.

E também, ele parece relacionar isso com o capítulo 1, versículos 26 e 27, que fala, é claro, sobre cuidar dos pobres, especialmente como uma manifestação da religião e do dever religioso e da atividade religiosa e assim por diante. E embora ele fale aqui sobre o uso da linguagem de julgamento, como diz no versículo 4, vocês não fizeram distinções entre si e se tornaram juízes com maus pensamentos? Temos uma tendência por parte de Tiago de usar uma linguagem de julgamento mais geral dos

relacionamentos cristãos, em vez de uma linguagem restrita para se referir a decisões judiciais ou ações judiciais e assim por diante. Além disso, a questão aqui é a atitude expressa no discurso contra as decisões judiciais.

Então, mais uma vez, não creio que ele esteja realmente a falar de algum tipo de assembleia judicial onde a questão tenha a ver com mostrar parcialidade para com os ricos em termos de chegar a um veredicto ou a uma decisão que favoreça os ricos em detrimento dos pobres, mas como, de fato, se trata, se relaciona com os ricos e os pobres no serviço de adoração. E, claro, a profunda e irônica contradição aqui de mostrar parcialidade para com os ricos precisamente num serviço de adoração cristã. Agora, outra, é claro, acho que ele está falando de forma bastante clara: ele está falando sobre uma assembléia cristã aqui.

E por essa razão, ele não se refere à pessoa de posses como um homem rico. Observe no versículo 2, se um homem com anéis de ouro e roupas finas entra em sua reunião e um homem pobre. Então, ele não diz se entra um homem rico com anéis de ouro e roupas finas e entra um homem pobre; ele toma muito cuidado ao não usar o termo rico aqui porque, mais uma vez, ele parece estar falando de cristãos que queriam dizer vir para a assembléia cristã.

Agora, você realmente tem essa pessoa com roupas finas. Você está falando de uma pessoa extremamente rica aqui, anéis de ouro, e a palavra aqui é lampros, roupas brilhantes ou radiantes e assim por diante. E entra uma pessoa, entra um pobre com roupa surrada, entra pobre também com roupa surrada.

Isto indica, portanto, a natureza da distinção. É externo, superficial, aquilo que agora está em vias de desaparecer. 1.11, e novamente, capítulo 5, versículos 2 a 3. Seu ouro, lemos no capítulo 5, versículo 3, seu ouro e sua prata enferrujaram, e a ferrugem deles será uma evidência contra você e comerá sua carne como fogo.

Você acumulou tesouros para os últimos dias. Notamos então que o julgamento escatológico está mesmo agora começando a ser sentido e experimentado nos e através dos processos naturais de decadência. Esse é o ponto principal do capítulo 5, versículos 2 e 3. E, claro, mostra quão tolo é, quão imprudente é focar e orientar a vida de acordo com a aparência em vez da realidade duradoura.

Estes cristãos não vivem à luz da verdadeira realidade, pois confundem aparência com substância e confundem a realidade presente com a realidade eterna última. Nos tempos antigos, e especialmente na tradição bíblica, aquilo que perdura é real. Aquilo que é passageiro é menos que real.

Agora, gostaria de observar aqui como este mesmo princípio, isto é, centrar-se nas aparências como actuando com base nas aparências externas contra, por assim dizer, o valor intrínseco, como o mesmo princípio pode aplicar-se para além das distinções

entre ricos e pobres. Por exemplo, pode aplicar-se a questões de racismo, de classismo, de superioridade cultural ou étnica, ou mesmo à proeminência dada aos fisicamente atraentes em detrimento daqueles que são fisicamente menos atraentes. É aplicável também a outros tipos de distinções humanas com base na aparência versus mérito intrínseco.

Aliás, apenas para notar quão profundamente enraizada está esta inclinação de se relacionar com as pessoas com base na sua aparência exterior, incluindo até mesmo roupas surradas e assim por diante. Dr. Robert Traina, que foi um dos meus professores aqui no Seminário Asbury anos atrás, ensinou as epístolas gerais. Ele sempre, quando ensinava, se vestia impecavelmente.

Mas quando ele veio ensinar sobre Tiago 2, ele entrou na aula e ensinou em trapos sujos e imundos. E foi realmente revelador sentir a diferença na atitude dos alunos em relação a ele quando ele estava vestido daquela maneira e quando ele ensinava com sua aparência habitual. Agora, não há aqui apenas uma ênfase na aparência, mas também uma ênfase na resposta.

Observe que a resposta começa com a atitude interna, epiblepo, olhar com favor, considerar, e você presta atenção, você olha com favor, você considera aquele que usa roupas finas, então passa para ações externas, e então diz. E a ação externa aqui é realmente uma forma de discurso. A propósito, isso envolve o mau uso da língua.

Nós, novamente, estamos envolvidos neste negócio do mau uso da língua. Este é um pecado da língua. Observe, por um lado, no que diz respeito ao discurso aqui, que ele diz que, neste cenário, você fala primeiro com a pessoa rica.

Observe a prioridade da fala. E você diz, e você diz para a pessoa que usa roupas finas, sente-se aqui, por favor. Pois bem, você só fala com o pobre depois de ter se dirigido ao rico.

Fale primeiro com a pessoa rica, mas observe também especialmente o tom do discurso. A propósito, isso aponta para toda essa questão de tom ou atmosfera na interpretação sobre a qual falamos em um segmento anterior aqui, o tom ou a sensação da passagem. Sente-se aqui, por favor.

Bem, você diz ao pobre homem: fique aí ou sente-se aos meus pés. O tom realmente reflete o profundo caráter relacional da cena. De acordo com James, ele irá destacar isso, é claro, mais adiante no Capítulo 3, a língua na verdade expressa o caráter mais profundo da pessoa.

A pessoa como um todo concorda e se submete a essa distinção de classe. Você é rude ou insensível aos sentimentos dos pobres enquanto bajula os ricos aqui em termos de discurso. Há um profundo compromisso pessoal implícito nesta ação.

Realmente envolve os elementos de honra, assento e desonra, de vergonha. Sentar-se aos pés, claro, é sinal de vergonha, de desonra. Lembre-se do Salmo 110.1, a passagem do Antigo Testamento mais citada no Novo Testamento: o Senhor disse ao meu Senhor, sente-se à minha direita.

Observe aqui, sente-se aqui, por favor. O Senhor disse ao meu Senhor: sente-se à minha direita até que eu faça dos seus inimigos um escabelo. Para os seus pés, sente-se aqui, por favor.

Então, para o pobre homem, sente-se aos meus pés. Envolve realmente a noção de mostrar honra, que reflete o sistema de valores, aquilo que é digno, e também o elemento de glória, ou seja, comprometer-se com aquilo que é transcendentemente maravilhoso, belo e poderoso. A sua visão da realidade, daquilo que é grande, é distorcida.

Eu também observaria aqui a função da linguagem de proximidade e distância. Sente-se aqui, sente-se aqui, por favor. Ficar lá.

A distância então é usada para, realmente, a distância espacial é usada como uma espécie de sigla, como uma espécie de indicação de distância relacional, querer se relacionar com os ricos, querer não ter relacionamento com, distanciar-se relacionalmente dos pobres. E também, é claro, como eu disse, você tem esse tipo de, isso também envolve uma visão distorcida de associação, intimidade, companheirismo, associação com os ricos, separação dos pobres. Agora, gostaria de observar aqui que os cargos convidados refletem sua compreensão do cargo.

Isto é espacial não apenas em termos de próximo e distante, mas também de baixo e alto. Sente-se aqui, por favor. Sente-se aqui, por favor.

Ou fique aí, sente-se aos meus pés. Tanto ficar na presença de outra pessoa quanto sentar aos pés de outra pessoa era a postura de um escravo. Os cargos convidados refletem sua compreensão do cargo.

Os ricos são exaltados e os pobres são humilhados. Tanto ficar em pé como sentar-se aos pés, como digo, era a posição dos escravos em relação aos seus senhores. Aqui você tem cristãos relativamente pobres que querem agir como mestres em relação aos pobres, ao cristão pobre que entra na assembleia.

Na verdade, os pobres são humilhados não apenas em relação aos ricos, mas em relação aos leitores ou às pessoas aqui descritas que, em sua maioria, não eram ricos. Como ele irá dizer já no contexto imediato aqui em 2.6, mas você desonrou o homem pobre, não são os ricos que o oprimem? Não foram eles que o arrastaram para o tribunal? Vocês mesmos não são ricos. Mas você quer assumir o papel dos

ricos em relação àqueles que devem ser exaltados como relativamente ricos em relação aos que são relativamente mais pobres do que você, uma visão distorcida de status.

Agora, isso realmente leva a uma compreensão mais profunda da motivação. Ao fazer tais distinções, os leitores estariam na verdade assumindo a posição dos ricos em relação aos pobres. Eles querem se exaltar acima dos mais pobres.

No fundo, eles anseiam pelo status dos ricos para que possam se exaltar acima dos inferiores. É por isso que ele vai em frente e tira a conclusão, a conclusão imediata aqui, vocês não fizeram distinções entre si? A palavra grega aqui é *diakrinomai*, uma palavra que pode significar e é usada para significar em outras partes do livro de Tiago, dúvida e juiz. *Diakrinomai* pode significar fazer distinções, mas na verdade significa duvidar ou julgar.

A mesma palavra grega foi usada para dúvida em 1.6, mas peça com fé e sem duvidar, pois quem duvida é como uma onda do mar que é levada e agitada pelo vento. E pode, de facto, apontar para uma verdadeira falta de fé.

Como ele sugere aqui em 2.1, não mostre parcialidade ao manter a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória. Mostrar parcialidade desta forma envolve *diakrinomai*, isto é, não fé, mas dúvida. E novamente, também nos versículos 14 a 26, onde ele fala sobre fé.

A palavra *diakrinomai*, no sentido de juiz, está relacionada a *krino*, julgar. E então, novamente, esse negócio tem a ver com fazer julgamentos. E é retomado mais tarde quando ele fala sobre ser um juiz, e não um juiz da lei, e não um cumpridor da lei, no capítulo 4, versículos 11 e 12, indicando que há um Senhor e um juiz, e que agir como juiz é, na verdade, usurpar o papel do único juiz e é, na verdade, portanto, um ato de blasfêmia.

Agora, quando ele diz, vocês não fizeram distinções, ele diz, vocês não fizeram distinções entre si? Esta é uma possível tradução do grego aqui, possivelmente sugerindo que aqueles que vêm para a assembléia são membros da igreja ou possivelmente visitantes cristãos da congregação local, mas também poderia ser traduzido: você não fez distinções, ou você não envolvidos na dúvida ou no julgamento de si mesmos, entre vocês, mas também poderia ser dentro de vocês, criando distinções onde nenhuma distinção deveria existir em termos de comunidade, e introduzindo uma alma dividida, um coração dividido, uma mente dividida, sendo duplo obstinados, fazendo distinções dentro de si mesmos. A conclusão de Arma, porém, é, e isso é, claro, descrito aqui no versículo 4: vocês não fizeram distinções entre si e se tornaram juízes com maus pensamentos? Aqui ele realmente volta ao interno ou ao atitudinal. James declara que você pensa que os está julgando. Vocês não fizeram distinções entre si? Vocês não fizeram julgamentos

entre si? Vocês pensam que os estão julgando, mas na verdade estão julgando a si mesmos.

Vocês não se tornaram juízes com maus pensamentos? Ou seja, você acredita que os está julgando. Vocês não se tornaram juízes, mas vocês mesmos são vulneráveis ao julgamento com maus pensamentos? O fato de você fazer julgamentos a partir de maus pensamentos significa que esses julgamentos estão realmente julgando você. Tiago enfatiza que há um juiz, o Senhor.

Para os capítulos 11 e 12, e novamente, capítulo 5, versículos 7 a 11, quando os cristãos se tornam juízes, eles usurpam a prerrogativa que pertence somente a Deus. Portanto, é um pecado contra Deus e contra outros seres humanos. Invade as prerrogativas de Deus e exalta o status do ser humano.

Conseqüentemente, esse pensamento é descrito como mau. Os cristãos, segundo Tiago, não são chamados. Eles não pretendem ser juízes. Portanto, qualquer tipo de julgamento é mau.

Por outro lado, que exista um processo de julgamento, ou talvez melhor, de discernimento que deve ser realizado é inerente às relações humanas. Portanto, o problema aqui não é simplesmente que eles são juízes, mas são juízes com maus pensamentos. Mas um discernimento adequado envolveria uma honra aos pobres e uma recusa em bajular os ricos.

É claro que é necessário tomar decisões nas e sobre as relações humanas, mas Tiago insiste que estes tipos de julgamentos, estes tipos de decisões nas e sobre as relações humanas que são necessárias para a vida humana, devem ser feitos com base no ponto de vista de Deus. Assim, eles não julgam competindo com Deus como juiz, mas submetem-se ao julgamento de Deus. O tipo de julgamento que Tiago descreve envolve uma condenação dos pobres, e Tiago declara que esse tipo de julgamento só pode vir de maus pensamentos.

Isto é, é motivado por maus pensamentos, considerações e desejos. A palavra que traduz pensamentos aqui é dialogismo. É um termo rico.

Geralmente, refere-se a pensamentos, mas especificamente, tem a ver com propósitos ou desígnios e aponta para o cálculo e realmente para a submissão a um sistema de patrocínio. Realmente sugere, no contexto, que parte da motivação para bajular os ricos é em termos do que eles podem obter dos ricos. Isto é, experimentar o patrocínio dos ricos.

Egocêntrico em vez de centrado em Deus. Egocêntrico contra outro centrado. Agora, ele segue em frente e passa deste cenário para o argumento que temos nos versículos cinco a sete.

Tudo isto, lembre-se, consiste em defender que a parcialidade é contrária à eleição dos pobres por parte de Deus. E, portanto, os versículos cinco a sete são realmente centrais para toda esta porção. Ele diz no versículo cinco: Ouçam, meus amados irmãos, Deus não escolheu aqueles que são pobres no mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que ele prometeu àqueles que o amam? Essa é a perspectiva de Deus.

Esse é o ponto de vista de Deus, mas observe, em contraste, que você desonrou o pobre homem. Você desonrou o pobre homem. Não são os ricos que oprimem você? Não foram eles que o arrastaram para o tribunal? Não são eles que blasfemam o nome honorável que foi invocado sobre você? Aqui, no versículo cinco, então, ele introduz uma noção da eleição de Deus.

Eleição divina. Deus não escolheu, não elegeu aqueles que são pobres no mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que ele prometeu àqueles que o amam? Observe a força da pergunta retórica. Quando ele apresenta esta declaração na forma de uma pergunta retórica, quando diz: Deus não escolheu aqueles que são pobres no mundo para serem ricos na fé? Ele sugere que eles sabem ou deveriam saber disso, que isso já lhes foi revelado.

Isso realmente aponta para a culpa deles por se comportarem dessa maneira, porque estão agindo de forma contrária ao que sabiam ou deveriam saber. Lembre-se do que Tiago dirá em 4:17, quem sabe o que é certo fazer e deixa de fazê-lo, para ele é pecado. Você sabia disso ou pelo menos deveria saber.

E na Bíblia somos responsáveis pelo que sabemos e pelo que deveríamos saber. Além disso, é claro, esta pergunta retórica é na verdade um artifício retórico para persuadir. Atrai os leitores e virtualmente os força a responder à pergunta da maneira que o escritor pretende.

As perguntas retóricas pretendem realmente ser transformadoras, para que, num certo sentido, sejamos forçados a concordar com a verdade, a assumir a verdade que está sendo apresentada aqui através da pergunta retórica. Agora, em que sentido Deus escolheu os pobres? Bem, penso realmente em três sentidos.

Primeiro, testamentariamente. Isto é, com base no fato de que Ele escolheu os pobres nas Escrituras do Antigo Testamento. De acordo com o Antigo Testamento, Deus fica do lado dos pobres. Deus é compassivo e misericordioso.

Se Ele não ficar do lado deles, ninguém o fará. Mais uma vez, isto não implica realmente que Deus seja parcial para com os pobres como tais, mas Deus é parcial para com a pobreza, por assim dizer. Ron Sider, creio eu, captou a verdade disso

quando indica que, por Deus, em certo sentido, tomando o lado dos pobres, em certo sentido preferindo os pobres, Ele realmente introduz a igualdade na ocasião.

Isto é, no mundo e em geral, os pobres são desprezados e os pobres são diminuídos. Por Deus, em certa medida, tomando o lado dos pobres, Ele realmente os coloca em pé de igualdade, no mesmo nível dos ricos. Mas isso é o que você tem no Antigo Testamento.

Deus leva os pobres. Ele é compassivo e misericordioso. Se Ele não ficar do lado deles, ninguém mais o fará.

E, claro, também no Antigo Testamento, toda esta questão da relação entre a pobreza e a piedade, de que os pobres têm uma espécie de apoio espiritual porque não têm nada ou não têm muito mais onde colocar a sua segurança, a sua lançado de volta à fé em Deus, que é a essência da piedade e da justiça. Mas também, Deus escolheu os pobres cristologicamente. A atitude de Cristo para com os pobres, temos, é claro, ao longo da tradição evangélica e a receptividade dos pobres à mensagem de Cristo.

Mas também experimentalmente, os próprios leitores eram quase exclusivamente das classes pobres, como Ele, é claro, sugere nesta passagem que acabamos de citar em 2 6b e 7. Portanto, o fato é que tudo o que eles precisam fazer é olhar para si mesmos e para a congregação para ver que ela está cheia de pessoas pobres e que relativamente poucos ricos fazem parte do seu grupo. Deus escolheu aqueles que são pobres no mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que Ele prometeu àqueles que O amam. Agora, notamos também o caráter moral da eleição de Deus.

Os pobres são descritos como ricos na fé e que amam a Deus. Agora, obviamente, não existe uma identificação individual entre ser pobre e ser rico na fé e no amor a Deus, mas isso indica duas coisas. Primeiro, temos aqui uma ligação entre falta de riqueza e piedade.

Como já disse, já vimos no Antigo Testamento a ligação entre riqueza e mal. Existe, de facto, se não houver uma identificação entre a falta de riqueza e a piedade e entre a riqueza e o mal, se não houver uma identificação, há uma ligação, uma ligação geral entre os dois. Esta última, isto é, a ligação entre a riqueza e o mal, é indicada pela descrição dos ricos nos versículos 6 e 7, e são descritos em termos morais.

Não são os ricos que oprimem você? Não foram eles que o arrastaram para o tribunal? Não são eles que blasfemam o nome honorável que foi invocado sobre você? Este tipo de comportamento, como observa, só é possível para os ricos e está tipicamente ligado à riqueza e é tipicamente uma expressão de riqueza, opressão, tirando vantagem dos processos judiciais da lei, fazendo com que a lei sirva os seus

propósitos, e até mesmo blasfemando contra a lei. nome honorável que foi invocado sobre você. Isto vai, claro, contra a noção de que Deus favorece os ricos, que a riqueza é um sinal do Seu favor, e vai contra a noção de que Deus recompensa os justos nesta vida com benefícios materiais ou deste mundo. É claro que é verdade que Deus recompensa os justos nesta vida, mas não com benefícios materiais.

Eles são ricos em fé e têm uma promessa. É claro que isto faz necessariamente uma diferença na qualidade de vida actualmente vivida, mas o escritor pode fazê-lo sem subestimar todas as dificuldades físicas e sociais enfrentadas pelos pobres. Os pobres, portanto, não são automaticamente incluídos nesta bênção.

Não existe aprovação automática apenas com base na pobreza. Tiago está falando claramente aqui dos pobres, mas eles são ricos na fé. O que significa quando ele diz que eles são ricos em fé? Bem, certamente, ele está sugerindo aqui, pelo menos, no mínimo, que eles tenham fé e , talvez, provavelmente, que tenham muita fé ou uma fé preciosa.

Novamente, isso está relacionado com o que ele diz a respeito das provações, a prova da sua fé no capítulo um. E eles são herdeiros do reino. Agora, por serem herdeiros do reino, ele sugere especialmente que são herdeiros do reino que está por vir.

O reino do fim dos tempos está em vista aqui. E, claro, existe uma ligação causal entre ser rico em fé. Por serem ricos na fé, são herdeiros do reino.

Eles são filhos de Deus. Eles são herdeiros. Os herdeiros, é claro, sugerem o status de uma criança, especialmente de um filho.

Eles são crianças. Eles são filhos de Deus. E assumem o papel de filhos em relação a Deus.

Eles recebem Sua promessa. Um pai ou mãe faz promessas aos filhos, e eles confiam Nele. Ricos em fé, eles confiam Nele e O amam.

Assim como os filhos, natural ou tipicamente, recebem promessas do pai, confiam no pai e amam o pai, também estes pobres estão inclinados a confiar nEle, a amá-Lo e a receber a Sua promessa. A riqueza pode criar uma barreira para aceitar a Deus e se relacionar com Deus como o Pai. Os pobres estão numa posição em que podem depender apenas de Deus.

E quando eles veem que Ele cumpre as promessas que faz àqueles que confiam Nele, sua confiança Nele e sua fé Nele aumentam. Eles se tornam ricos em fé e O amam como um Pai compassivo, misericordioso e provedor. Agora, esta eleição de Deus,

esta escolha de Deus, contrasta com a escolha dos humanos, que é apresentada no versículo 6. Mas você desonrou o pobre, etc.

Isto realmente implica que a ética cristã envolve a imitatio deo, ou imitatio dei, isto é, ser imitadores de Deus. A suposição implícita aqui é que a expectativa é que deveríamos ser, devemos ser como Deus. Se Deus escolheu os pobres, nós também deveríamos escolher os pobres.

Mas Ele diz que você não fez isso. Você não seguiu a imitatio Dei, mas contradisse a imagem de Deus. Você desonrou o pobre homem.

Você se posiciona contra Deus em termos de toda essa questão da eleição. Mas a ética cristã envolve realmente sermos imitadores de Deus, honrando aqueles a quem Deus honrou e negando honra àqueles a quem Deus não honra. Tiago pode muito bem ter em mente Provérbios 14:21, que diz que aquele que desonra o pobre comete pecado.

Você desonrou, realmente, a realeza, ele sugere. Observe que eles são herdeiros do reino. Eles são príncipes e os pobres são.

Estes reinam. Eles são príncipes na medida em que são herdeiros do reino, e vocês trataram esses príncipes como escravos. Agora, ele vai em frente e realmente fundamenta aqui a contradição, e realmente fundamenta em 6b e seguintes, a sugestão implícita no versículo 6a de que você não deve desonrar o pobre em favor do rico por causa do caráter do rico.

Não são os ricos que oprimem você? Não foram eles que o arrastaram para o tribunal? Não são eles que blasfemam o nome honorável que foi invocado sobre você? Não são eles que te exploram ou que te oprimem? Dupla Kata Dunas. Este é realmente um termo amplo. Existem várias maneiras pelas quais a exploração pode ocorrer, é claro.

Ele estabelece claramente uma ligação entre riqueza e exploração, mas esta é uma declaração clara e inequívoca contra todas as formas de exploração e opressão, que podem assumir todos os tipos de formas, incluindo as muito subtis. Envolve a perversão ou o abuso de poder e, especialmente, do poder econômico. Eles usam seu poder econômico contra você.

Eles arrastam você para o tribunal. Helko é usado aqui. Aqui você tem injustiça ou perversão da justiça, que é indicada pelo termo helko, arrastando você para o tribunal.

A relação de North aqui entre dinheiro e poder envolve enganá-los a tribunal ou arrastá-los a tribunal à força. Isto envolve uma verdadeira injustiça social com base

nos recursos materiais com vista à exploração material. E então, culminando, não são eles que blasfemam o nome honorável que foi invocado sobre você? Vocês sofrem perseguição nas mãos deles, exploração nas mãos deles, abusos nas mãos deles, não apenas porque são relativamente pobres, mas porque são cristãos, por causa do nome que carregam.

Estes perseguidores, estes perseguidores ricos, estes blasfemadores ricos, reconhecem a ligação entre a fé cristã e a causa dos pobres, mesmo que vocês, cristãos, não consigam vê-la. Tiago está sugerindo que os ricos estão na verdade inclinados contra Cristo; eles são inimigos de Cristo porque reconhecem melhor do que você que Cristo representa honrar os pobres e desmascarar o tipo de uso indevido da riqueza que eles estão desfrutando. A ironia, claro, é mordaz.

Na verdade, eles se alinham com aqueles que fazem tais coisas, os cristãos que fazem tais coisas, honrando os ricos, desonrando os pobres, na verdade se alinham com os perseguidores da igreja, aqueles que se posicionam contra o povo de Deus, e com os blasfemadores, aqueles que descaradamente opor-se a Cristo. Esta ação é uma contradição ao seu batismo. Não são aqueles que blasfemam o nome honroso que foi invocado sobre você, quase certamente invocado sobre você no batismo, no batismo em nome de Jesus, em Atos, ou no batismo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, de acordo com para a forma mateana? É uma contradição do seu batismo e da essência da sua fé.

É claro que a conclusão implícita é que não se pode separar fé e obras. Estas ações mostram o caráter inerentemente problemático da sua fé e sugerem que não pode haver separação entre fé e obras. Bem, isso realmente leva à próxima comprovação que você tem aqui, que é que a parcialidade é contrária à lei de Deus, que temos nos versículos 8 a 13.

Bom lugar para fazer uma pausa aqui e passar para um novo segmento de vídeo. Então, vamos fazer uma pausa aqui por um momento.

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 20,
Tiago 2:1-7.